



SINDICATO DOS ENFERMEIROS*

Celina da Cunha Tibiriçá**

SUMÁRIO: Transcreve-se o discurso proferido pela autora, por ocasião do recebimento da Carta Sindical que oficializa o Sindicato dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul.

Unitermo: Sindicato dos Enfermeiros.

Hoje é um dia muito significativo para os enfermeiros deste Estado e também para os do Brasil. Nossa Associação Profissional transforma-se em Entidade Sindical de 1º grau com a outorga da Carta Sindical pelo Ministério do Trabalho, em plena Semana da Enfermagem.

Esta solenidade reveste-se de especial brilhantismo por Sua Excia., o Sr. Ministro do Trabalho Eng. Arnaldo da Costa Prieto, nos dar a grande honra de entregar-nos pessoalmente a Carta Sindical.

Nossa alegria se reveste de maior intensidade pela liderança dos enfermeiros gaúchos neste movimento classista e pela segurança que este órgão de defesa conferirá a nossa Classe.

É o primeiro Sindicato de Enfermeiros a ser criado no Brasil.

(*) Discurso proferido em 17 de junho de 1976, na cerimônia de recebimento da Carta Sindical do Sindicato de Enfermeiros do Rio Grande do Sul.

(**) Primeira Presidente do Sindicato de Enfermeiros do Rio Grande do Sul. Ex-Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da UFRGS.

Nossas primeiras palavras são de agradecimento e reconhecimento à Sua Excia. Sr. Ministro do Trabalho, pela Portaria 3.311 de 2 de setembro de 1974 e pela simpatia e boa vontade que sempre demonstrou pela criação de nosso Sindicato.

Ao jornalista Celito de Grandi, nosso mui digno Delegado Regional do Trabalho deste Estado, nossa gratidão pelo decidido e indispensável apoio para que o nosso objetivo se concretizasse.

Ao Exmo. Sr. Deputado Celestino Goulart, os agradecimentos dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul, pelo interesse demonstrado durante a tramitação do processo para a obtenção da nossa investidura sindical.

Desejamos ainda externar nossos agradecimentos a todos os colegas sócios pela confiança em nós depositada e pelo incentivo que nos deram desde o dia 30 de novembro de 1972, data da fundação da Associação Profissional dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul. A crença e o apoio de vocês, caros colegas, deu-nos força para continuarmos perseverantes ao objetivo a que nos propusemos. Sozinhos ou com um número reduzido de sócios nada teríamos hoje que comemorar e, dentro em breve, com o constante apoio de vocês e a colaboração sempre atuante dos órgãos do Ministério do Trabalho para com os Sindicatos, comemoraremos a instalação de nosso Sindicato em sede própria, modesta, porém nossa.

Embora o salário mínimo de cada classe deva estar condizente com os anos de formação exigidos e as responsabilidades assumidas pelo profissional, não desejamos que o Sindicato dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul seja apenas um órgão reivindicador, mas que atue, em consonância com os Conselhos de Enfermagem e a Associação Brasileira de Enfermagem, como órgão renovador e de desenvolvimento, levando os enfermeiros a atuarem com sensibilidade, eficiência e discernimento no cumprimento das tarefas que nos competem de tornar este Estado mais sadio, mais feliz e mais desenvolvido.

Dos três órgãos de representação da Classe dos Enfermeiros, o Sindicato é nossa última conquista.

A Associação Brasileira de Enfermagem criada em 1926, de caráter privado, embora reconhecida de utilidade pública, tem se mostrado um órgão de comprovada eficiência.

Os Conselhos de Enfermagem, criados pela Lei nº 5.905 de 12 de julho de 1973, são órgãos oficiais de disciplina e fiscalização do exercício profissional.

A criação do Sindicato dos Enfermeiros no Brasil passou a nos preocupar a partir de 1960. As importantes medidas para sua criação foram a inclusão do enfermeiro no 21º grupo na Confederação Nacional das Profissões Liberais, pela portaria nº 94 de 27 de março de 1962 e a portaria nº 3.311 de 02 de setembro de 1974, que possibilitou a criação de nosso Sindicato sem dualidade de representação de enfermeiros junto ao Ministério do Trabalho.

Estamos unidos às demais categorias de pessoal de Enfermagem no ideal comum de bem servir à comunidade, nos querendo bem e nos respeitando mutuamente.

A Medicina de hoje trabalha cada vez mais em equipe. Uma equipe de saúde, para bem cumprir a sua missão, precisa contar com o auxílio de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e outros profissionais da área da saúde. Cada elemento da equipe tem o seu papel específico a desempenhar. É um trabalho de interdependência onde falhando o desempenho de uma parte, mesmo mínima, todo o resultado fica altamente prejudicado. A responsabilidade da equipe de saúde é grande, pois, dela depende a luta contra a morte, contra a doença e contra a mal estar social.

Quanto mais saudável a pessoa, mais capaz ela pode ser, tão mais útil ela pode ser à comunidade.

Todos nós temos deveres para com a comunidade pois, é do acervo construído pelo que cada um dá à comunidade, que esta pode fornecer a cada um o que cada um precisa. Quanto mais dermos à comunidade, tanto mais ela terá para nos oferecer.

É para nós motivo de satisfação pessoal esse encontro com pessoas que, como nós enfermeiros, dirigem suas atenções para o bem da comunidade e, desejamos aproveitar o momento, para relatar-lhes, sumariamente, a situação da Enfermagem em nosso Estado e apresentar-lhes nossas sugestões para o seu desenvolvimento.

É conhecida, por todos, a desproporção numérica de enfermeiros e demais profissionais de enfermagem em relação a dos médicos e de habitantes.

Os quarenta cursos de graduação de enfermeiros formam, anualmente, cerca de 1.500 profissionais enquanto que as setenta e seis escolas de medicina formam seis mil novos médicos.

No momento atual, no nosso Estado, para uma população de 7.500.000 habitantes, temos em atividade 783 enfermeiros e técnicos de Enfermagem, inscritos no Conselho Regional de Enfermagem, até 30 de abril, p.p., e 2.385 auxiliares de Enfermagem o que representa 1,05 para os primeiros e 3,02 auxiliares de Enfermagem para 10 mil habitantes.

Para o nosso Estado, de acordo com a meta estabelecida no Plano Decenal de Saúde para as Américas, necessitaríamos agora de 2.592 enfermeiros e técnicos de Enfermagem e 8.490 auxiliares de Enfermagem.

Desejamos deixar claro que a nossa situação não é desalentadora, como pode aparecer, se a compararmos com a de outros países desenvolvidos, onde a Enfermagem moderna é mais antiga. A formação de enfermeiros em nosso Estado teve seu início com a criação da Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja 1ª turma diplomou-se em 1954 e o ensino de Auxiliares de Enfermagem, na Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do Sul, em 1951.

Muitas são as conquistas dos enfermeiros e sentimos que, a partir de 1961, a Enfermagem deste Estado, melhor do Brasil, tomou realmente um grande impulso com a regulamentação do Exercício da Enfermagem e suas funções auxiliares no território nacional, a exigência de conclusão do curso de 2º grau para admissão em escolas de Graduação de Enfermeiro, a inclusão do enfermeiro como profissional liberal, a classificação do enfermeiro no nível técnico-científico, a obrigatoriedade de ter o Serviço de Enfermagem chefiado por Enfermeiro, expressa na Lei 775, de 06-08-1949, somente oficializada em 1967 pelo INPS ao estabelecer critérios de avaliação de hospitais para convênios, a criação dos Conselhos de Enfermagem e, hoje, o 1º Sindicato de Enfermeiros.

Se temos algo a lastimar foi o início tardio do ensino da Enfermagem em nosso Estado que, dentre as Escolas de Enfermagem do Brasil, foi a 25ª a ser criada, entretanto, estamos imbuídos da idéia de que só a continuidade dos esforços, que são delegados de geração a geração, assegurará a realização plena de nossa profissão em prol da saúde da coletividade.

Segundo o Relatório da Comissão de Documentação e Estudos da Associação Brasileira de Enfermagem, entre 1973 a 1974, houve um crescimento de 28% no número de Escolas para Graduação de Enfermeiros, 90% de Cursos para formação, dos recém criados, Técnicos de

Enfermagem, permanecendo inalterada a percentagem em relação ao número de escolas de Auxiliares de Enfermagem.

O levantamento de recursos e necessidades de Enfermagem no Brasil, concluído em 1958, estimava em cerca de 70% o contingente de pessoal sem nenhum ensino regular, sistemático nos hospitais - denominados atendentes - e esta categoria de pessoal, inscrita no Conselho Regional de Enfermagem já atingiu, no Estado, 64% em relação às demais categorias de pessoal de Enfermagem.

A sugestão da Associação Brasileira de Enfermagem era e é a substituição gradativa do atendente, preparado em serviço, por auxiliares de Enfermagem, portanto, por pessoal melhor capacitado para o exercício de uma profissão, cuja demanda também é grande.

A colaboração de nosso Sindicato somada aos esforços da Associação Brasileira de Enfermagem, junto às autoridades responsáveis pela política educacional de desenvolvimento de recursos humanos e pelos programas de saúde no País, será no planejamento e execução de atividades que estimulem o maior ingresso de candidatos às Escolas de Enfermagem nos três níveis de ensino, na criação de mais Escolas, na formação de maior número de professores-enfermeiros, no aumento do número de vagas para candidatos a estes cursos e, a parte que compete, muito particularmente, ao Sindicato, levar as instituições de saúde, particulares e de economia mista, a incentivar e aproveitar condignamente as capacidades dos enfermeiros, através de melhor remuneração e melhores condições de trabalho, não só para manter esses profissionais em atividade, mas também evitar a emigração de enfermeiros do interior do Estado para esta cidade.

Para concluir, recomendamos também que nossos hospitais gerais, sejam particulares ou públicos, criem escolas de Auxiliares de Enfermagem e que os enfermeiros se façam presentes junto aos Conselhos Estaduais de Educação no planejamento da política educacional de recursos humanos para a saúde, colaborando e dando pareceres sobre a qualidade do ensino de Técnicos e de Auxiliares de Enfermagem e, muito especialmente, sobre as condições ideais de campos de estágio.

Devemos continuar insistindo junto aos nossos hospitais, na necessidade do treinamento e supervisão de atendentes em serviço, estimulando-os e orientando-os para ingressarem em Escolas de Auxiliar de Enfermagem proporcionando-lhes, assim, melhor enquadramento profissional e, às comunidades, pessoal mais capacitado para o atendimento de suas necessidades de saúde.

Precisamos e contamos com o apoio de nossos legisladores para que a profissão do Enfermeiro, como uma das dez profissões técnico-científicas prioritárias, possa dar a sua contribuição para que sejam alcançados os objetivos propostos pelas autoridades responsáveis pela política trabalhista, sanitária e educacional do país.

O Sindicato dos Enfermeiros do Rio Grande do Sul colaborará para que estas proposições se concretizem em realizações, porém, para que o Sindicato se torne um instrumento valioso aos objetivos a que se propõe, não pode prescindir do apoio das autoridades do País, do patriotismo e do interesse de todos os Enfermeiros deste Estado, sindicalizados ou não, emprestando a este novel órgão de defesa de Classe decidida cooperação e solidariedade para que possamos obter, com mais segurança e rapidez, os resultados que almejamos.

Agradecemos a todos que nos honraram com sua presença a esta solenidade e, muito especialmente, à Sua Excia. o Sr. Ministro do Trabalho pelo que tem feito pela Enfermagem e pelo muito que ainda fará.

SUMMARY: Transcription of the author's speech pronounced during the Sindical Letters Receiving, which established Nurses' Syndicate in Rio Grande do Sul.

UNITERM: Nurses' Syndicate.

Endereço do Autor: Celina da Cunha Tibiriçá
Author's Address: Praça D. Feliciano, 56 - 12º andar
Fone: 25-2758
90 000 - Porto Alegre - RS - Brasil.